

## Chegou o Outono



# Plantas da Nossa Terra

## Medronheiro



Catarina Lima

O medronheiro (*Arbutus unedo* L.) pertence à família das *Ericaceas*, partilhando-a com as urzes.

É um arbusto que pode atingir os 8 a 10 m de altura ainda que usualmente não ultrapasse os 5 m.

O seu tronco possui uma casca avermelhada, delgada, gretada e muito escamosa. As folhas desta planta são persistentes e grandes (medem 4 a 11 cm), verde-escuras e cerosas na página superior e mais claras na página inferior, muito parecidas com as do loureiro. Já as flores, pequenas e com um cálice curto, encontram-se reunidas em cachos (ramalhetes) compostos, terminais e pendentes.

Os frutos, os medronhos, são redondos e verrugosos ou eriçados na superfície, com cerca de 3 cm de diâmetro, de cor avermelhada quando maduros e têm sementes pequenas, angulares e de cor castanha.

Esta planta floresce no Outono ou no princípio do Inverno. Nesta época, devido ao facto de a floração e a maturação dos frutos do ano anterior ser simultânea, o medronheiro cobre-se de uma “veste” colorida de grande beleza. Nas suas cores podemos encontrar o verde brilhante das folhas, o branco das flores e os frutos que são inicial-

mente amarelos, tornando-se vermelhos com a sua maturação.

O medronheiro distribui-se extensamente pela bacia mediterrânica. A sua área de distribuição inclui também todo o território de Portugal continental, o Norte de Espanha, as regiões das Landes e da Bretanha em França e a zona ocidental da Irlanda.

No nosso país, as maiores manchas situam-se nas Serras de Monchique e do Caldeirão.

É uma espécie que aparece associada às Quercíneas, particularmente ao sobreiro e à azinheira, ocorrendo nos montados e em zonas de matos resultantes da sua degradação. Crescem tanto em solos ácidos como alcalinos mas preferem que sejam profundos e frescos. Aparecem até aos 1200 m de altitude e o seu clima favorito é suave e sem geadas.

O medronheiro é explorado, sobretudo nas Serras de Monchique e do Caldeirão, para a produção de aguardente, a afamada “aguardente de medronho”, e também como planta ornamental devido à beleza dos seus frutos e flores. A aguardente de medronho é feita por destilação em alambique, sendo necessários cerca de 15 Kg de frutos para produzir 15 L de aguardente. A qualidade desta aumenta com o envelhecimento em

barris de madeira.

A produção do medronheiro é, apesar de tudo, bastante irregular dado que está dependente de dois factores aleatórios, alheios a qualquer medida de gestão: as geadas e a existência de anos de safra e contra-safra (grande produção de fruto e baixa produção de fruto em anos sucessivos).

As folhas e casca do medronheiro contêm taninos que são utilizados para curtir as peles e, na medicina popular, devido às suas propriedades diuréticas e antissépticas, para curar as diarreias e as infecções urinárias.

A sua madeira constitui um excelente combustível sendo também boa para tornear e produzir carvão vegetal.

Os medronhos são também famosos pela capacidade de provocar embriaguez e dor de cabeça a quem consome muitos, uma vez que quando maduros, possuem uma certa quantidade de álcool.

### Bibliografia:

<http://natura-link.sapo.pt/Natureza-e-Ambiente/Fichas-deEspecies/content/Medronheiros-e-medronhos>  
<http://www.apena.rcts.pt/aproximar/floresta/alunos/arbustos/arbustos2.htm>



**Decar, Móveis e Carpintaria**

Cozinhas | Quartos | Salas  
 Parquet flutuante | Soalhos | Forros  
 Todo o tipo de mobiliário por medida

Celestino Araújo Alves

278615060 | 961867993 | 912093010

Rua Tinta Barroca n.º 74 | 5140-353 Carrazeda de Ansiães



**JMLIMA**  
 soc. mediação de seguros

José Lima

TM.: 91 943 55 56  
 jmlima.seguros@sapo.pt  
 www.jmlimaseguros.com

Rua Bombeiros Voluntários, 196  
 5140-060 CARRAZEDA DE ANSIÃES  
 T.: 278 616 218 F.: 278 617 953

**FICHA TÉCNICA****Nome**

O Pombal

**Propriedade**Associação Recreativa e Cultural  
de Pombal de Ansiões**Nº de Pessoa Coletiva**

500 798 001

**Publicação Registada na D.G.C.S.**

122017

**Depósito Legal**

129192/98

**Diretora**

Fernanda Natália Lopes Pereira

**Paginação e Composição**

João Miguel Almeida Magalhães

**Redação e Impressão**Largo da Igreja, 1 - Pombal de Ansiões  
5140-222 Pombal CRZ  
Telef. 278 669 199 \* Fax: 278 669 199  
E-mail: [jornal@arcpa.pt](mailto:jornal@arcpa.pt)**Home Page**<http://www.arcpa.pt>**Redatores**Tiago Baltazar;  
Patrícia Pinto**Fotografia**

Fernando Figueiredo; Eduardo Teixeira; Aníbal Gonçalves.

**Colaboradores**Vitor Lima; Fernando Figueiredo;  
Fernando Campos Gouveia; Flora Teixeira; Manuel Barreiras  
Pinto; Catarina Lima; Aníbal Gonçalves; José Mesquita; João  
Matos; Carlos Fiúza; Fátima Santos  
(Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores)**Tiragem Média**

500 Exemplos

**Preço**O jornal O POMBAL é gratuito para os  
residentes em Pombal de Ansiões  
Assinatura Anual (Sócios)  
Portugal: 8,00 Euros;  
Europa: 18,00 Euros;  
Resto do Mundo: 25,00 Euros  
Assinatura Anual (Não Sócios)  
Portugal: 12,00 Euros; Europa: 25,00 Euros;  
Resto do Mundo: 35,00 Euros**Pontos de Venda**Sede da ARCPA (Pombal);  
Papellaria Horizonte; Ourivesaria Cardoso;  
Papellaria Nunes  
(Carrazeda de Ansiões)

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO 1997

**EDITORIAL**

**Fernanda  
Natália**

Já quase todos, senão todos mesmo, estamos por demais saturados de ouvir falar em crise nos mais diversos setores. Todavia, há um tipo de crise que me preocupa bastante por considerar que dela emanam todas as outras. Trata-se da crise de valores. Estes, parecem que nas últimas décadas debandaram, fragilizando as relações humanas.

Para melhor explicitar esta minha asserção recorro a uma expressão datada de cerca do ano 60 a.C., proferida por Júlio César, Imperador Romano: “À mulher de César não basta ser honesta, tem de parecer honesta.”

Esta expressão, no meu entender, é a que melhor caracteriza a sociedade atual onde se dá primazia à aparência. Tal conduziu, inevitavelmente, a uma sociedade onde deixou de ser importante que as pessoas de facto possuam determinadas qualidades. O que importa é “dar ares de...”. Depois, não importa que na realidade as atitudes não correspondam à imagem que os outros têm de si, sendo cuidadosamente dissimuladas para não se comprometerem. O que, no entender do antropólogo Erwing Goffman são atitudes próprias de quem tudo faz para (a expressão é dele) “salvar a face”.

E, deste modo, vamos vivendo numa sociedade onde a hipocrisia vai ganhando espaço, substituindo a verdade, a frontalidade e a transparência.

Mas, como ingenuamente ou não, ainda sou daquelas pessoas que, como Kant, acredita que todas as pessoas nascem boas a sociedade é que as corrompe, dou o meu benefício de dúvida e prefiro pensar que aqueles que se deixam tentar por esses caminhos de aparência talvez tenham em mente a ideia veiculada por Camões: (...) os maus vi eu sempre triunfar (...)

Deixo apenas um conselho sob a forma de aforismo popular: a verdade vem sempre à tona. Pelo menos é isso que todos queremos que aconteça para sentirmos que vivemos numa sociedade justa.



# OURIVESARIA CARDOSO

de

**José Alberto Pinto Pereira**

Rua Luís Camões

Telef. 278 617 284 - 5140 Carrazeda de Ansiães



Loja 1: Rua da República nº107 • tel. 278 263 263 • fax 278 262 628 • 5370-347 MIRANDELA  
Loja 2: Rua de Stº António • Tel/Fax 278 616 515 • 5140-095 CARRAZEDA DE ANSIÃES  
ARMAZÉM: Cruzamento de S. Salvador • Tel. 278 262 855 • 5370 MIRANDELA  
E-mail: geral@miravet.eu - www.miravet.eu



## Ansiães FM 98.1

*A Rádio do seu dia a dia !*

### RÁDIO ANSIÃES, C.R.L.

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues

5140-100 Carrazeda de Ansiães

Tel. 278 616 365 - 278 616 295

Fax. 278 616 725

Internet: [www.ransiaes.sbc.pt](http://www.ransiaes.sbc.pt)

E-mail: [ansiaestfm@mail.telepac.pt](mailto:ansiaestfm@mail.telepac.pt)

A Rádio Ansiães apoia a ARCPA, ciente da colaboração no progresso do concelho de Carrazeda de Ansiães.

## os congelados do rauss



**noratlântico**  
Ind. e Comércio de Prod. Alimentares, Unip., Lda.

**peixe**  
mariscos  
ultracongelados  
vegetais  
conservas  
bacalhau sêco

**QUALIDADE \* VARIEDADE \* PREÇOS BAIXOS**

rua marechal gomes da costa 269 r/c - tlf. 278 618 096

**CARRAZEDA DE ANSIÃES**

(junto às traseiras do antigo centro de saúde)



**Sabemos que a sua preferência fará o nosso sucesso!**



BORGES PINTO &amp; FERREIRA, LDA.

Confeitaria e Pastelaria, Restaurante  
Snack-Bar, Salão de Chá e Café

Rua do Campo Alegre, 654  
Telefone 226 068 646  
4150-171 PORTO



Largo do Chafariz - 5070 Alijó  
Telef. 259 956 691

Rua Luís de Camões, 791 - 5140 Carrazeda de Ansiães  
Telef. 278 616 335

Av. das Amoreiras, 130 - 5370 Mirandela  
Telef. 278 265 213  
Telef. 912 224 418



Tlf.: 278 610 040 Tlm: 917 838 018  
Fax: 278 610 049 vanguardalda@gmail.com  
Delegado Centro Sul (Coimbra)  
Arq. Jaime Veiros Tlm.: 917837198

Rua Marechal Gomes da Costa, 319, 1º Dtº  
5140-083 Carrazeda de Ansiães

O Jornal **pombal**  
tem o patrocínio do



INSTITUTO PORTUGUÊS  
DO DESPORTO  
E JUVENTUDE, I. P.



## Regulamento Cedência do Salão

Sócio(a) / Filho(a) de Sócio(a) / Cônjuge

| Dias | Salão | Loiças | Cozinha | Salão/Loiças/Cozinha |
|------|-------|--------|---------|----------------------|
| 1    | 40€   | 15€    | 30€     | 75€                  |
| 3/4  | 100€  | 40€    | 80€     | 200€                 |

Não Sócio(a)

| Dias | Salão | Loiças | Cozinha | Salão/Loiças/Cozinha |
|------|-------|--------|---------|----------------------|
| 1    | 80€   | 30€    | 60€     | 150€                 |
| 3/4  | 200€  | 80€    | 150€    | 300€                 |

Obs: Para este efeito, as regalias de sócio, adquirem-se desde que se seja sócio(a) há mais de um ano, na data do pedido.

O salão deverá ser sempre pedido por escrito, com uma antecedência adequada.

Para casamentos, principalmente no Verão e datas festivas, a antecedência deverá ser, no mínimo de três meses,

Os pedidos serão objecto de apreciação e decisão, por ordem de chegada. Sempre que os pedidos sejam coincidentes, os sócios terão preferência sobre os não-sócios.

## Ex.mo(s) Senhor(es) Associados/Assinantes

Caso pretendam receber o jornal, deverão recortar/copiar e preencher a Ficha de Assinatura abaixo e enviá-la para a ARCPA, com o respectivo meio de pagamento ou comprovativo de transferência bancária dos valores indicados, para as seguintes contas:

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo (C.a Ansiães) - NIB - 0045 2190 40052054541 39

Caixa Geral de Depósitos (C.a Ansiães) - NIB - 0035 0207 00005044030 35

JORNAL - O POMBAL

FICHA DE ASSINATURA

NOME - \_\_\_\_\_

MORADA - \_\_\_\_\_

LOCALIDADE - \_\_\_\_\_ Cód. Postal - \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

PAÍS - \_\_\_\_\_

## SÓCIOS ARCPA

Assinatura anual

- 8,00 Euros PORTUGAL

- 18,00 Euros EUROPA

- 25,00 Euros RESTO DO MUNDO

## NÃO SÓCIOS

Assinatura anual

- 12,00 Euros PORTUGAL

- 25,00 Euros EUROPA

- 35,00 Euros RESTO DO MUNDO

ENVIO CHEQUE No \_\_\_\_\_ BANCO \_\_\_\_\_

VALE POSTAL No - \_\_\_\_\_

ou comprovativo de transferência bancária com a identificação do assinante

DATA - \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ Assinatura - \_\_\_\_\_

Envie para: Jornal O POMBAL \* Largo da Igreja, 1 POMBAL

5140-222 POMBAL CRZ - CARRAZEDA DE ANSIÃES

Obs.: O pagamento deverá ser efectuado no início de cada ano.



## EDP Distribuição renova a rede de Baixa Tensão no lugar e Freguesia de Foz Tua, Concelho de Carrazeda de Ansiães, melhorando a qualidade de serviço disponibilizada aos seus clientes.

A EDP Distribuição, no âmbito das ações de melhoria contínua que vem efetuando nas suas redes energéticas procedeu à renovação da rede de Baixa Tensão que serve a localidade e Freguesia de Foz Tua, Concelho de Carrazeda de Ansiães.

Este investimento significativo, compreendeu a renovação da rede elétrica em cerca de 2187 metros, possibilitando a substituição por cabo troçada isolado, de um extenso troço de rede aérea de cobre nu que já apresentava fragilidades mecânicas, originando avarias em presença de condições atmosféricas adversas.

A nova rede em condutores isolados é mais robusta e de secção adequada, perspectivando melhor qualidade de serviço e permitindo uma maior flexibilidade na exploração da rede de baixa tensão, possibilitando reconfigurações alternativas de alimentação aos clientes, garantindo sempre, a observância dos níveis de tensão regulamentares, ficando também garantida reserva de potência para fazer face a futuros aumentos de consumos.



## CONTACTOS ÚTEIS

Carrazeda de Ansiães

**Câmara Municipal:**

Telef. 278 610 200 Fax. 278 616 404

**Bombeiros Voluntários:**

Telef. 278 616 104 Fax. 278 615 186

**Guarda N. Republicana:**

Telef. 278 610 020

**Centro de Saúde (Urgência):**

Telef. 278 610 050 Fax. 278 616 706

**Sta Casa da Misericórdia ( Lar de Idosos ):**

Telef. 278 616 747 Fax. 278 616 748

**Águas de Carrazeda(Serviços de Águas e Saneamento ):**

Telef. 278 617 736

**Farmácia Rainha:**

Telef. 278 616 250

**Farmácia Veiga:**

Telef. 278 617 119

**Caminhos de Ferro (Estação de Tua ):**

Telef. 278 685 177

**Direcção Regional de Agricultura:**

Telef. 278 616 361

**Escola de Condução:**

Telef. 278 616 278

**Escola E-B-2,3 ( Escola Secundária ):**

Telef. 278 618 190 Fax. 278 618 198

**Centro Regional de S. Social:**

Telef. 278 616 147 Fax. 278 616 251

**Conservatória Predial e Civil:**

Telef. 278 616 164 Fax. 278 615 327

**Cartório Notarial:**

Telef. 278 616 141

**Serviço de Finanças:**

Telef. 278 616 236

**Tesouraria da Fazenda Pública:**

Telef. 278 616 461

**Centro Social e Paroquial de Pombal (Lar de Idosos):**

Telef. 278 669 315

**SERRALHARIA A NOVA**  
DE: Albino Augusto Carvalho  
— FERRO E ALUMÍNIO —

Zona Industrial, Lote 6 \* Telef/Fax 278 615 268  
Tele: 917 601 847 \* 9140-105 CARRAZEDA DE ANSIÃES

O NOVO  
**TALHO NOVO**



**talhonovo@hotmail.com**  
**Carrazeda de Ansiães**

# Strange Words – Bailado Contemporâneo



Fernanda  
Natália



A Companhia de Dança do Norte trouxe até Carrazada de Ansiães um projeto inovador de dança contemporânea. E inovador porque não se limitou a fazer uma apresentação pública de um bailado mas também procurou mostrar os preparativos que qualquer bailarina tem de fazer até chegar a uma performance perfeita. Dito por outras palavras, o coreógrafo da Companhia mostrou aos espetadores como se ensaia um espetáculo. Foi assim uma espécie de esventrar o que o público vê como produto final e ter a oportunidade de entrar numa sessão de ensaios.

Esta apresentação ocorreu no dia 13 de outubro no auditório do CITICA e está incluída num projeto protocolado entre a Companhia de Dança do Norte e a Associação de Municípios da Terra

Quente Transmontana, visando, em primeira instância, trazer até à região coberta por esta associação não apenas um espetáculo de dança contemporânea mas, também, dar a oportunidade de as populações locais poderem vir a frequentar uma formação de dança. Para tal, este espetáculo visa sensibilizar e motivar todos quantos queiram ter essa experiência.

As expectativas que sentíamos eram muitas pois era algo a que nunca tínhamos assistido. Ao princípio, pareceu estranho pois aquela ideia de espetáculo marcado por luz e muita, muita cor não se adequava. Imperavam os tons de branco e cinzento. Aos poucos, a musicalidade que nos chegava, da autoria de João Mascarenhas, remetia-nos para imagens de robots, de naves espa-

ciais, mas também para guerras, remetia-nos para o ciberespaço. Então, fez-se luz. Aqueles fatos eram os mais adequados para criar a imagem de contemporaneidade, senão mesmo de vanguardismo.

As bailarinas demonstraram grande vigor e resistência física aos mais diversos esquemas coreografados, mostrando uma agilidade invejável.

**Strange Words** (Estranhas Palavras) é, segundo os seus promotores, *uma pintura de sombras em movimento, dialética difícil entre extremos: o verdadeiro e o falso, entre o belo e o feio, entre o brilhoso-superficial e gélido e os reflexos profundos velados.*

E acrescentam: *esta criação é uma reflexão sobre a transformação de nós, os humanos e o nosso meio.* A coreografia que apresen-

taram tinha subjacente a procura às questões: Como estamos? Para onde vamos? Há alguém para nos ajudar nesse caminho?

Terminado o espetáculo, o diretor artístico e coreógrafo da Companhia, Pedro Pires, fez uma pequena palestra, centrando-se na preocupação em fazer passar uma mensagem: a dança é uma arte cuja execução permite desenvolver os dois pilares mais importantes de qualquer ser humano: a fisicalidade e o pensamento coeso. Para Pedro Pires, a dança consegue a simbiose entre o físico e o astral, proporcionando um bem-estar ao corpo e à mente.

Este espetáculo foi uma espécie de apelo para todos aqueles que quiserem integrar o projeto de dança contemporânea cuja formação terá início em novembro.



# A última viagem do Comboio Histórico



Fernanda Natália



Dia 5 de outubro, o comboio histórico subiu a linha do Douro até à estação do Tua, pela última vez, este ano. E, pelo que nos foi sussurrado por alguém ligado à organização destas viagens, talvez as mesmas voltem a ter a mesma magia de um passado recente porque está em estudo voltarem as velhas máquinas a vapor.

Viajavam neste comboio pessoas oriundas de espaços muito diversificados quer em termos nacionais, quer internacionais. Porém, era bem visível que todos comungam da mesma opinião acerca da paisagem maravilhosa e ímpar que a viagem oferece. Apesar de toda a animação proporcionada a bordo, garantem que jamais esquecerão os tons outonais dos vinhedos. Os diversos tons de

amarelo e castanho, pintalgados aqui e ali por uma tonalidade mais alaranjada, à mistura por outros tantos tons de verde criam uma envolvimento com a paisagem que mente alguma será capaz de esquecer. E, este quadro do “nosso” Douro viajará com aqueles que desta vez vieram no comboio histórico, como das outras, acreditamos. E, quando contarem as aventuras que por aqui viveram e quiserem descrever com precisão a paisagem deslumbrante de que os seus olhos usufruíram, temos a certeza que essa descrição se aproximará das pinturas do Dr. Mário Vasco Fernandes, pintor nosso conterrâneo (Parambos), cuja obra retrata na íntegra a paisagem e o quotidiano duriense numa cumplicidade tão perfeita

que chegamos a ter a impressão de estar a observar o horizonte através de uma janela.

Regressando ao comboio histórico. Foi interessante ver um grupo de cidadãos Portugueses trajados a rigor a moda do século XIX, de modo a que o regresso ao passado fosse vivido em plenitude, desfrutando de uma multiplicidade de emoções. Mas também havia alemães e austríacos que quiseram divulgar os seus trajes tradicionais. Era um autêntico ambiente de festa que se vivia nesta viagem do comboio histórico.

A variedade linguística não se ficava apenas por sonoridades de outros países. Também ouvimos a nossa língua ser pronunciada de forma mais toante, arrastada

ou até meio cantada, não se enganando os nossos ouvidos que por ali estavam viajantes vindos do Minho, Douro Litoral, Alentejo e até Algarve.

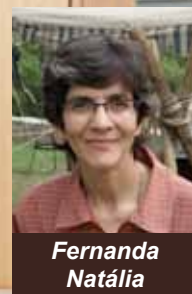
Na estação do Tua tinham à sua espera a oportunidade de adquirir produtos regionais. O concelho de Carraceda de Ansiães também lá estava representado pelos “Doces da Puri” que, segundo tivemos oportunidade de observar, era um dos espaços mais requisitados.

Este ano o comboio histórico não fará mais viagens. Esperamos que este tempo de hibernação sirva para que os responsáveis possam delinear um projeto ainda mais abrangente que venha a trazer mais benefícios ao concelho de Carraceda de Ansiães.



# Agrupamento de Escolas de Carrazeda de Ansiães

Outubro – mês internacional das Bibliotecas Escolares



Fernanda Natália



As Bibliotecas Escolares continuam a ser um importante repositório de conhecimento, sendo, por conseguinte, importante dinamizar atividades que motivem os alunos a frequentá-las. Nos dias que correm, estas bibliotecas deixaram de ser associadas àqueles espaços bafientos onde a bibliotecária, míopes, usavam lentes muito grossas e afastavam os mais temerosos. Esta imagem criada, quiçá, pelo cinema, já está descontextualizada na medida em que as Bibliotecas Escolares procuram acompanhar os interesses dos alunos e a evolução tecnológica, pelo que estão apetrechadas para suprir todas as necessidades dos alunos, quer ao nível de pesquisas académicas, quer como entretenimento. São agora espaços luminosos, abertos, acolhedores, apelativos.

Apesar da Biblioteca do Agrupamento de Escolas de Carrazeda de Ansiães manter uma forte dinâmica ao longo de todo o ano letivo, levando a cabo diversas iniciativas, o mês de outubro mereceu uma atenção especial pelo facto de ser o mês internacionalmente consagrado às mesmas.

Elencamos, de seguida, as diversas atividades desenvolvidas ao longo do mês. Contudo, convém ter em conta que algumas delas se irão prolongar durante todo o ano letivo.

**Concurso de marcadores para os livros.** Este concurso promove a criatividade e a originalidade.

Dinamização de um *biliopapper*, visando a formação de novos utilizadores da BE;

Projeto “**Voluntários da Leitura**” – este projeto está aberto a toda a comunidade educativa e pretende criar uma bolsa de leitores disponíveis para fazerem leituras quer neste quer noutro Agrupamento;

“**Projeto “Saber+, é para já!”** – este projeto teve início no mês de outubro mas irá prolongar-se por todo o ano letivo. É dedicado à literacia da informação, organização e apresentação de trabalhos escolares e que se destina a todos os alunos desde o 1º Ciclo do Ensino Básico ao Ensino Secundário. Vai desenvolver-se em contexto de sala de aula, visando deixar bem patente que a BE é um autêntico laboratório de aprendizagem, onde os alunos adquirem e desenvolvem competências de modo a ficarem melhor apetrechados para alcançarem a otimização do sucesso escolar. É também, através deste projeto que se pretende que os alunos desenvolvam a sua autonomia, aprendam a procurar, a selecionar informação, a organizar trabalhos mas, sobretudo, que interiorizem os princípios éticos e legais, evitando o plágio.

Exposição de livros de autores portugueses;

**Visionamento**, durante a hora de almoço, **de filmes baseados em livros**, nomeadamente: “O Diário de Ann Frank”, “Robinson Crusoe”, “Um conto de Natal”, “O Pianista”, entre outros.

**Distribuição de marcadores de livros contendo mensagens de alerta para os perigos das redes sociais.**

Ao longo do ano letivo esperam-se outras atividades que já ganharam nome e “fama”. E, porque o seu resultado tem sido muito positivo voltarão a ser organizadas como é o caso da “Feira do Livro”, a vinda de um autor português e a “Semana da Leitura”.

O lema deste ano das Bibliotecas Escolares, “Biblioteca escolar, uma porta para a vida” é sintomático do seu valor para a formação integral das crianças e jovens. Os alunos dos anos mais avançados não dispensam visitas regulares à BE. Já os que agora chegam mostram grande interesse em perceber o seu modo de funcionamento e vão descobrindo, aos poucos, todas as suas potencialidades. E muitos deles já a consideram imprescindível, compreendendo, na íntegra todas as potencialidades que a mesma congrega.

# Autárquicas 2013



Fernanda Natália

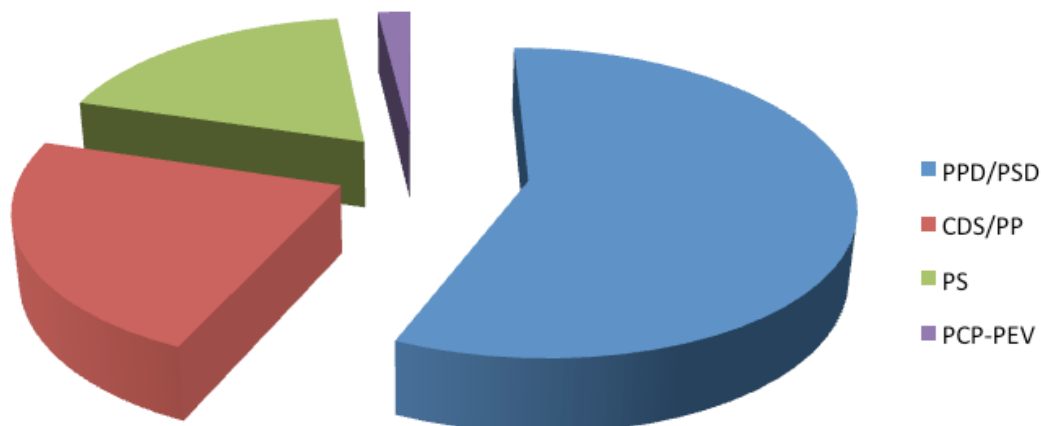
No dia 29 de setembro, que no calendário litúrgico é dedicado ao Arcanjo S. Miguel, realizaram-se as eleições autárquicas. Num passado recente, este era o dia que, por tradição de antanho, os rendeiros pagavam as rendas aos respetivos donos. A tradição não se perdeu por completo embora seja posta em prática de outro modo. Basta ter em conta que ainda existe a tradição de que a venda de propriedades tem em conta a data em que é feita para se saber se o usufruto da terra ainda pertence ao vendedor ao já ao comprador. E, sem se aperceberem que estão a dar continuidade à já referida tradição, a verdade é que a marca temporal é o final do mês de setembro.

Mas, voltando ao tema central deste artigo também o último domingo de setembro foi de certo modo, uma maneira de se acertarem contas. Mas, desta vez, com os políticos e as políticas locais.

Embora as eleições autárquicas tenham uma certa peculiaridade, na medida em que os eleitores têm muito mais em conta as pessoas que os Partidos Políticos, às eleições deste ano não se pode escamotear a importância que a conjuntura económica e social teve em muitas das escolhas para presidir às autarquias. Todavia a leitura dos resultados não pode ser feita de modo linear pois encontramos algumas exceções à regra. Isto significa que se por um lado é inegável que o PS aumentou consideravelmente o número de municípios a nível nacional por outro lado, é também inquestionável que houve situações onde esta situação não ocorreu, tendo o PSD consolidado e reforçado a sua votação em relação às eleições de 2009.

Uma nota especial para a elevada percentagem da abstenção. É certo que vivemos num país democrático mas, se se lutou tanto durante décadas para se conseguirem eleições livres talvez não seja um comportamento cívico adequado o de se optar pela abstenção.

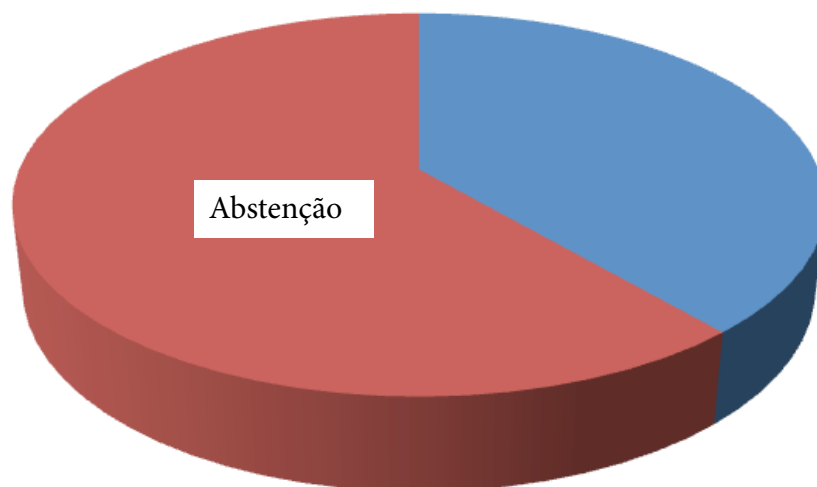
Relativamente aos resultados obtidos no concelho de Carrazeda de Ansiães seguem-se uns gráficos que pretendem tornar mais rápida a leitura dos mesmos.



Resultados para a Câmara Municipal



Resultados para a Assembleia Municipal



Os resultados aqui estão, competindo a cada um dar-lhe a interpretação que lhe aprouver.



# Livre pensamento



João Matos

Existem muitas correntes de pensamento. A grande parte delas obriga-nos a pensar segundo determinados cânones, coarctando-nos assim a nossa liberdade de análise e obrigando-nos a decidir limitados pelo nosso ângulo de visão.

Mas será possível uma liberdade total de pensamento e de acção?

Não estaremos nós sujeitos a muitas limitações?

O nosso cérebro não estará, à partida, sujeito à estrutura das suas células na capacidade de discernimento e decisão? O seu hard-ware não limitará as nossas capacidades de inteligência, memória, visão, audição? Acaso poderemos dizer que os cérebros, à partida, são todos iguais?

Dito ainda duma maneira mais ousada: será o cérebro um apoio da alma, que é igual em todas as pessoas?

E a vivência de cada um afecta ou não a igualdade de todas as almas? A família, o meio social, a educação dão a cada um

de nós uma liberdade diferente? A conviência com os nossos pais, com os nossos irmãos e as pessoas que encontramos na vida deixam incólume a pressuposta igualdade à partida?

Parece que à medida que avançamos na nossa existência, com a aquisição de uma religião específica, de um ideal político próprio, de um peculiar humanismo, passaremos a ser diferentes uns dos outros, com modos próprios de pensar e agir e, em consequência, com juízos de valor também diferentes.

E como poderemos manter a nossa liberdade de pensamento e de acção durante toda a nossa vida?

Talvez optando por um caminho ou-sado de incertezas e de recusa de ideias feitas.

Uma pessoa toma conhecimento de todas as ideias e de todos os caminhos. No momento de decidir opta por um pensamento e uma acção. Logo a seguir,

faz um esforço no sentido de a decisão não deixar marcas, a fim de permitir poder manter na próxima ocasião uma liberdade total de análise e de decisão. A esta luz, a coerência não tem sentido porque se traduz numa prisão a uma decisão tomada. Também aqui não têm sentido peias próprias dos cerimoniais e rituais que enquadram as tomadas de posição dos maçons, nem o secretismo próprio desta e de outras seitas.

O livre pensamento implica, pois, uma abertura total de tomadas de posição e decisão, abertura que se fecha no momento em que se faz a escolha, mas que volta à abertura inicial, logo que um problema fica, com maior ou menor acerto, resolvido.

Esta atitude carrega consigo uma capacidade enorme de entendimento dos outros, um debate aberto e leal com os outros e que só momentaneamente se fecha na altura da necessidade de agir e avançar.

# Figuras e Factos



Fernando Figueiredo

## ESTES TEMPOS QUE VIVEMOS

É já um lugar-comum dizer-se que estes tempos que vivemos são difíceis, porque está tudo muito mau. Mas é verdade e, como tal, deve ser dito. Todavia, ficarmos por esta enunciação vaga, não chega. Teremos que reflectir sobre as causas e tentar encontrar as soluções. Não é isso a que assistimos. O país está entorpecido! Até parece que embrutecemos com tanta Troika e com quem nos tem impingido tanta treta a tal propósito! Isto para não falar no que nos tem sido esbulhado e da maneira como, a maior parte de nós, tem sido tratada. A desumanização é já quase brutal!

Hesito sempre falar destas coisas, embora seja uma forma de intervir civicamente, pois sei que muitos dos meus conterrâneos não gostam e que a alguns serve de pretexto para “malhar” em quem se ocupa com estes assuntos e exprime a sua opinião livremente. Também sei que outros comungam das mesmas preocupações. E, por estes, vale a pena.

Portugueses contra portugueses, público contra privado, funcionários contra não funcionários, novos contra velhos, tudo tem servido para dividir, parecendo ser com o propósito de reinar. Só que, qualquer dia, já não há sobre que reinar!

Além da Europa comunitária não ser solidária entre os seus países membros e para com os cidadãos que a integram, e isto porque não há um verdadeiro projecto europeu, nós não temos desígnios nacionais. Por isso, pouco ou quase nada nos une e, assim, é mais fácil que fiquemos uns contra

os outros, já que colidem interesses, por vezes bem mesquinhos. Assim, temos portugueses contra portugueses!

Ser funcionário público não é o mesmo que ser trabalhador da iniciativa privada e, por isso, querer equiparar o que não é equiparável, é um erro de base. Ser funcionário é servir o Estado, que deve estar ao serviço dos cidadãos, não os distinguindo e a todos garantindo isenção. Ser empregado de alguém é zelar pelos interesses desse alguém, proporcionando-lhe os maiores lucros, ainda que respeitando as leis. Ao recorrermos a um serviço público, partimos do princípio que nos cobram a taxa de lei; ao adquirirmos um produto de consumo, teremos que ver onde é mais barato, ou seja: quem no-lo fornece em condições vantajosas. São coisas de natureza diferente, como é bom de ver.

Pessoalmente, optei por ser funcionário público, pela estabilidade que isso me dava. Por isso, paguei-a, uma vez que rejeitei hipóteses de trabalhar na iniciativa privada, na altura mais generosas monetariamente, mas que não me garantiam o que eu preferia. Foi uma opção pela qual, eu e milhares, pagámos um preço. Muitos dos incompetentes que nos governam, mesmo que saibam disto, dão de barato aquilo que não lhes toca a eles e aos que são do seu círculo de interesses. Já nem digo de “amigos”, que são coisas diferentes. Estes tipos não têm verdadeiros amigos!

Quando, há uns anos atrás, começaram a ser afectados alguns direitos dos funcionários públi-

cos, com o pretexto de que eram privilégios, houve muita gente da iniciativa privada que achou muito bem, porque considerava que não devia haver certas diferenças, mesmo quando, ao mesmo tempo, fugiam ao pagamento de impostos e a outras obrigações, atitudes não possíveis no funcionalismo. Não eram todos, mas havia muitos. Passado algum tempo, quando a redução do poder de compra daqueles começou a afectar os seus próprios interesses, já mostravam compaixão e pareciam ter compreendido como o equilíbrio social é muito importante. Então já não há valores, é só interesses?

Outros têm contribuído para a Segurança Social pelos mínimos permitidos e depois parece-lhe muito o que os funcionários públicos recebem de reforma. Só que estes pagaram uma vida e uma percentagem elevada, sem opção. Temos que o dizer para que conste na hora de decidir.

Temos que nos entender. Abaixo os privilégios, sim, estejam eles onde estiverem! Nunca receei perdê-los, porque nunca os possuí. Mas os direitos, alguns dos quais tive que lutar por eles, são para respeitar, porque senão deixamos de nos levar a sério uns aos outros e às próprias instituições.

Como se explica a um pensionista, por exemplo, que ele deve perder uma parte significativa da sua pensão da Caixa Geral de Aposentações, quando, o outro membro do casal, também reformado da Segurança Social, recebendo mais, não vê a sua pensão afectada? Mais do que preconceito ideológico, é um ataque brutal e

iníquo a uma fatia do tecido social português, com o pretexto de que se corta despesa. Não é justo. E é sobretudo por isso que as pessoas não aceitam.

O imposto sobre os rendimentos, seja qual for a sua proveniência, parece-me ser o meio mais justo de a todos pedir uma contribuição, quer em circunstâncias normais quer extraordinárias. Por que não se imitam as melhores práticas europeias? Procedimentos desses e outros similares é que a Troika nos devia impor!

Gostaria de ver os líderes políticos europeus e nacionais a trabalhar sobre as grandes questões do nosso tempo, envolvendo os cidadãos em projectos em que estes se revissem e dessem resposta aos seus grandes anseios. Mas, infelizmente, isso parece-me cada vez mais uma utopia.

O que é que eles fazem? Aumentam a idade da reforma e as horas de trabalho, o que provoca logo maior desemprego; enquanto diminuem os salários, as reformas e os benefícios sociais, reduzindo o poder de compra, descontentando e desmobilizando as pessoas. Reina a mediocridade, a incompetência, a falta de visão...

Quem tem a culpa? Os cidadãos que os suportam e aqueles que, por omissão, deixaram e continuam a permitir que tal gente continue a decidir por eles desta forma.

Mesmo quem tenha ganho democrática e legalmente o poder, perde a legitimidade quando dele faz mau uso. Como já noutra altura me referi a esta questão, este princípio aparece expresso em documentos do século XVII,





quando ainda não havia regimes democráticos tal como hoje os conhecemos.

Nos últimos tempos, tem sido cortar... cortar... cortar..., enquanto, com a própria crise, uns poucos não param de, cada vez mais, ganhar... ganhar... ganhar... É sempre assim. O processo é há muito conhecido. Mas parece que alguns governantes exultam com ele. Aparecem eufóricos por cortar, despedir, suspender, fechar... São insensíveis e, sobretudo, ignorantes. Ultimamente, estão também mais mentirosos. Para baralhar, aplicam chavões a tudo e usam uma linguagem reles. Que falta de categoria! No entanto, mais do que diferentes políticos, precisamos de novas políticas, não sendo indiferente a capacidade dos agentes que as devem aplicar. De facto, como podem os cidadãos aderir a algo que não lhes é explicado, em que não se revêm e que tem sido efectuada sem o mínimo respeito pelos envolvidos? Estamos muito mal servidos. Isso parece hoje muito consensual. Infelizmente, lamento eu. Por que é que havemos de suportar tanta incompetência e insensibilidade? Não é imprescindível. A democracia tem ser capaz de gerar outra solução quando a existente é claramente ineficaz. Há dias o Governo grego dizia em

comunicado que não ia aumentar a austeridade sobre os seus cidadãos, uma vez que já tinha dado à Troika provas de boa vontade e feito reformas. Nunca o Governo português tomou tal posição, pelo menos publicamente, para que os cidadãos percebessem. Arrasamos para ficar bem perante a Troika e com o pretexto de que nos vai livrar depressa dela. Parece que não contamos e, de facto, não somos respeitados. São diferentes maneiras de ver, mesmo de políticos da mesma área. Por que é que muitos governantes acham que podem decidir tudo sobre a vida dos cidadãos sem os ouvirem a propósito? É por isso que muitas vezes os têm contra! Como não há projectos mobilizadores para aproveitar os nossos recursos humanos e materiais;

Como temos um Presidente da República, que não consegue potenciar acordos políticos abrangentes, valorizando antes a estabilidade a todo o custo e, sendo ele próprio, avesso à discussão pública, e parte do problema, quer pelo seu passado quer pela forma como exerce a magistratura; Como quase toda a gente tem justos motivos para protestar; Como toda a envolvimento aponta para o "salve-se quem puder"; Podem vir aí tempos cada vez mais desumanos, mais inseguros e de eventual

conflitualidade. Não me apetecia nada ser confrontado com esta possibilidade. Mas, cada um de nós, além de cumprir com as suas obrigações de cidadania, individualmente, pouco pode fazer.

Não sei como quebrar esta impotência. Apenas sei que ninguém o conseguirá sozinho. Às vezes, parece que todos estão à espera que aconteça algo. Não acredito em milagres e sei que demora muito tempo a construir qualquer coisa, embora rapidamente tudo se desgaste e desmorone.

Tenho dito aos mais novos que vão ter de "virar a mesa", contando com os melhores e mais sensíveis das gerações anteriores, para construir algo melhor do que elas foram capazes. Quase todos ficam surpreendidos com a minha expressão, habituados como estão a ter quase tudo e a não lutar. Luta não é sinónimo de violência e, quando lhes falo em "virar a mesa" é para evitar que, na confusão, com violência, "partam a mesa" e esta já não sirva mais para ninguém. Pior será ainda se não houver que colocar nela ou tenha que se ir tirar ao vizinho, mais fraco, o que ele conseguiu juntar, tantas vezes com enorme sacrifício.

Penso que, talvez pela primeira vez na História, temos consciência como nunca do que pode acon-

tecer se não corrigirmos certas coisas e, também, do que não queremos, por conhecermos os seus efeitos no passado recente. Não queremos, por exemplo, regimes autoritários, guerras destruidoras, violência gratuita, fome, miséria, injustiça, etc. etc. E então?

Só um novo paradigma, eminentemente social, assente em bases mais humanas e solidárias, em oposição a este capitalismo selvagem, pode apontar para desígnios e metas, que elevem o Homem e o dignifiquem. Essa nova forma de organização pode hoje dispor de meios tecnológicos, capazes de produzir e facilitar a vida aos produtores, em todas as áreas, de uma maneira que não teve quaisquer precedentes comparáveis no passado. Por outro lado, a ausência de grandes conflitos torna disponíveis imensas áreas do mundo, para produzir e consumir. É lamentável que, ao contrário, vamos caminhando para o abismo, perante o qual parecemos impotentes e onde temos que caber todos.

Oxalá apareçam estadistas que compreendam estes problemas, enquanto é tempo!

OUTUBRO/2013



# Passeio “Entre Vinhas”



Tiago Baltazar

Poderia começar este texto da seguinte forma:

Numa conformação primorosa como é apanágio da A.R.C.P.A. perpassou-se a juntura do *entre vinhas* de 2013 à precedente edição de 2012, conferindo-lhe o *status* de II passeio *entre vinhas*.

Contudo, tratando-se de um passeio entre amigos da A.R.C.P.A. boa gente e gente bem disposta, que caminhou num passo alegre e descontraído, este texto deve ser feito de uma forma mais dinâmica e alegre.

Assim, *entre vinhas* decorreu no passado 21 de Outubro. Das muitas inscrições que haviam sido feitas, nem todas compareceram às 9h para o pequeno-almoço de preparação para o que viria a seguir. A promessa de chuva que o S. Pedro tinha preparada parecia impedir que numa aldeia onde manda o São Lourenço não houvesse bom tempo para que se começasse a caminhada. À falta de bom tempo rumou-se com o tempo que havia. *O que não tem remédio...remediado está!*

Seguiu-se rumo a norte, até ao *penedo furado*. O percurso levaria os caminhantes daí até à *Espinhosa* pelo caminho da *Maria Esteves*. O tempo ora estava de sol ora de *moliscos*. Talvez porque os participantes ignorassem tanto a meteorologia, pois o ambiente que reinava era de alegria, haveria de começar a chover um pouco depois de passar o *Chamadour*, quando se trilhava o antigo caminho que ligava o Pombal às Areias. Essa chuva não demoveu ninguém de, heroicamente, continuar. *Que remédio!* Apenas obrigou a que se abrissem os *tchuços* (como se diz no pombal) que os caminhantes prevenidos traziam consigo. Entretanto já se tinha chegado à *Miranda*, onde nova caminhada para norte trouxe quem passeava até à calçada antiga. Daí até chegar à A.R.C.P.A. foi um *esfregar de olhos* (embora os olhos só se devam esfregar com os cotovelos, salvo para tirar as *remelas* pela manhã).

Para o almoço vieram *mais que os de Izeda*, pois uma *carne de porco à Alentejana à Transmontana* é motivo suficiente para que se possa dizer *não caminhei mas vim comer, o que interessa é participar!*

Quanto às paisagens, essas magníficas, ficam para que participou ou para quem queira ler o *O Pombal*. Este é o único jornal mundial e onde há vida humana que tem sempre tudo o que interessa relativo à A.R.C.P.A.

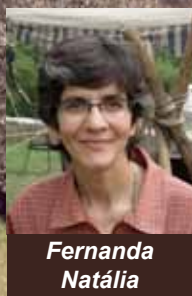








# A oliveira e o azeite



Fernanda  
Natália

## ❖ Etimologia

Tomando como referência as línguas da região em torno do Mar Mediterrâneo, verificamos que a palavra “**oliveira**” tem origem na palavra grega *Elaia* (ἐλαία) e na palavra hebraica *Zait*, que derivaram para *Olea* e *Zaitum*, no latim e árabe respetivamente. De algum modo, a palavra *Olea* pode ser associada ao monte Olimpo, residência dos deuses gregos, enquanto, a palavra *Zait/Said* invoca um determinado lugar a oeste do Egito, no delta do Nilo.

Já a palavra “**azeite**” deriva da palavra árabe *Al-zait* e *Az-zait* que significa sumo de **azeitona** a qual, por sua vez, tem origem na palavra *Az-zaitouna*.

## ❖ Simbolismo

As **oliveiras** cresciam em abundância na planície de Elêusis, onde eram protegidas, e quem as danificasse era levado perante a justiça. Elas são como que divinizadas no hino homérico a Deméter, na introdução.

Em todos os países europeus e orientais, a oliveira é árvore de enorme riqueza simbólica, paz, fecundidade, purificação, força, vitória e recompensa.

Segundo uma lenda chinesa, a madeira de oliveira neutralizaria alguns venenos, conferindo-lhe assim um valor tutelar.

No Japão, simboliza amabilidade, bem como êxito nos estudos e empreendimentos civis e bélicos: é a árvore da vitória.

Nas tradições judaicas e cristãs, a oliveira é símbolo da paz: foi um ramo de oliveira o que uma pomba levou a Noé no final do Dilúvio. (Génesis, 8, 8-12).

A cruz de Cristo, segundo uma velha lenda, era feita de oliveira e cedro.

É também, na linguagem da Idade Média, um símbolo do ouro e do amor. **Se eu puder ver na tua porta madeira de oliveira dourada, chamar-te-ei logo templo de Deus**, escreveu Angelus Silesius, inspirando-se numa descrição do templo de Salomão.

No interior do templo de Salomão, na câmara sagrada, diz a Bíblia, foram colocados dois querubins em madeira de oliveira,

com a altura de dez côvados, e outros dez de medida da extremidade de uma asa à outra. (1 Reis, 6, 23-24). E ainda:

*“Pôs na entrada da Câmara Sagrada uma porta com folhas em oliveira, a padieira e as ombreiras formando um quinto conjunto. Sobre duas folhas em oliveira, fez esculpir querubins, palmas, flores...”* (1Reis,6,31-33)

No Islão, a oliveira é a árvore central, o eixo do mundo, símbolo do “Homem Universal e do Profeta. A “árvore abençoada” é associada à luz, e o azeite alimenta as lâmpadas.

O **uso ritual do azeite** é característico dos povos mediterrânicos e do Próximo Oriente e de todas as sociedades no meio das quais a oliveira, fornecendo iluminação e alimento, ocupa lugar de eleição.

Por este duplo uso, **o azeite é símbolo de luz e de pureza, ao mesmo tempo que de prosperidade.**

Materializando a ideia de uma família de culturas, o azeite torna-se um sinal de **bênção divina, símbolo da alegria e da fraternidade.**

Na Bíblia, Deuterónimo, 33, 24-25, quando Moisés, pouco antes de morrer, faz a bênção das tribos de Israel, lê-se: *A ser seja o filho bendito entre todos, seja ele favorecido entre os seus irmãos, que ele mergulhe o seu pé no azeite; que sejam de ferro e bronze teus ferrolhos, tua força dure tanto, quanto teus dias.*

No Salmo 45, 7 – 8:

*Ó Deus, teu trono é eterno,  
Teu cetro real é um cetro de retidão.*

*Ama a justiça, detestas o mal,  
por isso*

*Deus, teu Deus, te ungiu com um óleo*

*De alegria, de preferência a teus companheiros.*

No Salmo 133, 1-2 (Canto de David)





*Oh! Que prazer, que felicidade  
Encontrar-se entre irmãos.*

*É como o óleo que perfuma a  
cabeça*

*E desce pela barba de Aarão,  
que desce pela gola da sua veste.*

Nos ritos de unção, o simbolismo do azeite é mais profundo.

Os reis de Israel eram ungidos, e o azeite conferia-lhes então autoridade, poder e glória da parte de Deus, o verdadeiro autor da unção.

É por isso que o azeite é visto como um símbolo do Espírito de Deus.

Em Samuel, **16**, 1, Deus manda o profeta à casa de Jessé para ungir David e ordena-lhe: *Enche o teu chifre de óleo e parte.*

Samuel assim procedeu. Quando David chega à sua presença, *Samuel apanhou o chifre de óleo e o ungiu, em meio a seus irmãos, e o Espírito do Senhor desceu sobre*

*David a partir desse dia.* (idem, **16**, 13).

O ungido é assim como que introduzido na esfera do divino e por isso os homens não devem tocar-lhe.

Foi provavelmente esta crença que se perpetuou na expressão popular francesa “*c’ est un huile*”, para designar uma personalidade importante, fora do vulgar, que ninguém pode ofender.

**Recorde-se que o vocábulo hebraico para ungido deu, em transcrição, Messias, e que a sua tradução grega é Christos.**

Jesus, o rei esperado, não tinha recebido evidentemente um azeite de unção material: o Espírito Santo, que o azeite simbolizava, é-lhe concedido plenamente, como por unção.

*O Espírito do Senhor está sobre mim porque me conferiu a unção, para anunciar a boa nova aos pobres* (cf. S. Lucas, **4**, 18).

Como o Cristianismo relaciona

desde o início o dom do Espírito Santo e o batismo, chega-se rapidamente à instituição da unção efetiva com azeite (ou óleo).

*A unção com o santo crisma, óleo perfumado que foi consagrado pelo bispo, significa o dom do Espírito Santo ao novo batizado. Ele tornou-se cristão, que dizer, ungido pelo Espírito Santo, incorporado em Cristo, que foi ungido sacerdote, profeta e rei* (Cf. Catecismo da Igreja Católica, 1241, pág. 284)

E é assim que o azeite, apresentado no alfa da vida, o é também no ómega, no ritmo da extrema-unção. O sacerdote lança os óleos sobre o defunto. *“Pela unção do batismo chama-se o iniciado para a liça dos santos combates; o azeite derramado sobre o defunto significa que ele conclui o seu caminho e pôs fim às suas gloriosas lutas.* (Pseudo- Dionísio Areopagita, 151-152).

A Constituição Apostólica “Sacram Unctionem Infirmorum” de 30 de Novembro de 1972, a

seguir ao Concílio Vaticano II, estabeleceu:

*O sacramento da unção dos enfermos é conferido às pessoas perigosamente doentes, ungindo-as na fronte e nas mãos com óleo devidamente benzido – azeite de oliveira ou outro óleo vegetal – dizendo uma só vez: Por esta unção e pela sua infinita misericórdia o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo.* (Catecismo da Igreja Católica, 1513, pág. 337)

#### ❖ **Mitos e lendas**

**Atena** (Minerva para os romanos) é a deusa da guerra, da inteligência e das artes. A sua inteligência foi também aplicada às artes da paz e, na Ática, reconhecia-se-lhe, entre outros benefícios, a invenção do fabrico do azeite e até a introdução da oliveira no país.

Conta o mito que Posídon (Neptuno para os romanos) disputava com Atena a soberania da Ática, onde acabara de ser fundada uma cidade, pelo soberano



Cécrope. A contenda era acesa e o rei propõe que cada um deles tente conseguir para a região o mais belo presente. Posídon foi o primeiro. Bateu o tridente no chão da Acrópole e dela jorrou uma fonte de água salgada e surgiu também um cavalo esplêndido. Atena, por sua vez, feriu a terra com a lança, produzindo faíscas. Rapidamente domou o cavalo e criou para a cidade a oliveira. O rei Cécrope recebeu comovido o ramo de oliveira carregado de frutos. O povo reconheceu no vegetal o presente mais valioso e os doze deuses designados como árbitros decidiram que a oliveira era a dádiva preferível e concederam a Atena a soberania sobre a região da Ática. A deusa deu o seu nome à nova cidade- Atenas.

**Panateneias**- Neste festival em honra de Atena, realizado com esplendor de quatro em quatro anos, o prémio para as competições de várias ordem era a coroa de oliveira, árvore da deusa, e as ânforas panatenaicas cheias de azeite das “moríai”, árvores consagradas e supostas descendentes da oliveira que Atena plantara na Acrópole. Tais árvores eram pertença do Estado e, portanto, estavam sob a proteção do Areópago. Disso nos dá testemunho elucidativo, o discurso de Lísias *Sobre a Oliveira Sagrada*, escrito para defender alguém que fora acusado de arrancar da sua propriedade um tronco de uma dessas árvores.

Para os Gregos a oliveira era a mãe da árvore, debaixo da qual, segundo os Romanos teriam nascido **Rómulo e Remo**, os fundadores da cidade de Roma.

Outro mito grego refere o episódio de quando **Héracles** (Hércules, para os Romanos), que também era filho de Zeus e fundador dos Jogos Olímpicos, espetou o seu bastão no solo e o mesmo se transformou numa oliveira, de onde retirou folhas para fazer as grinaldas com que coroavam os atletas vencedores dos jogos - **corona panathenaea ou olympia**.

A oliveira era, também, associada à **fertilidade**. Por isso, as mulheres gregas procuravam estar bastante tempo à sua sombra e deitavam-se sob as suas folhas, quando pretendiam engravidar. Como símbolo de fecundidade, verificamos que as estátuas das deusas Damia e Auxéria, que se encontravam no Epidauro, eram feitas de

pau de oliveira e, era nelas que as mulheres se friccionavam para se tornarem fecundas.

Uma lenda hebraica, refere que, quando **Adão** chegou aos 930 anos, pressentindo que a morte estava próxima, recordou-se que Deus lhe tinha prometido o óleo da misericórdia, que serviria para a sua redenção e a da Humanidade. Por isso, enviou o seu filho Seth ao Paraíso, tendo recebido de um querubim três sementes colhidas da árvore do Bem e do Mal. Tais sementes germinaram na boca de Adão, depois da sua morte. Como consequência, nasceram no monte Tabor e no vale de Hébron três árvores: a oliveira, o cedro e o acipreste. Esta velha lenda dos Hebreus procura afirmar que a oliveira é do tempo de Adão.

Na história do *Êxodo* aparece um episódio que relata que Deus pediu a **Moisés** para preparar o óleo para a santa unção. Moisés misturou azeite, mirra, canela, açúcar e licor de groselha. E, foi com esta preparação que ungiu o Altar, a Arca Santa dos judeus e os seus filhos.

Também em **Portugal** existe uma lenda do século VII relacionada com a oliveira. O rei dos Visigodos, **Wamba** (672-680) quando estava próximo de Guimarães chegou-lhe a notícia que os godos o tinham elegido como rei. Não tendo acreditado na notícia que lhe dera o mensageiro. Disse que só acreditaria caso o seu cajado depois de enterrado pegasse e desse rebentos. O milagre aconteceu: o cajado de Wamba cobriu-se de densa folhagem de oliveira. Tal milagre acabou por ser consagrado na construção de uma abadia sobre aquele lugar, o qual recebeu o nome de Oliveira.

Uma outra lenda aparece ligada à história de **Belmonte**. Aqui, é comum aparecer esculpida em vários edifícios, a imagem de uma prensa. Os habitantes desta vila consideram-na um símbolo da lealdade dos Cabrais à Coroa. Isto, porque segunda reza uma lenda, quando a vila foi cercada pelos Mouros, o Alcaide preferiu que a sua própria filha fosse esmagada pelos Mouros numa prensa do que ter de se render.

(continua no próximo número)

Fernanda Natália Lopes Pereira





Jornal "O Pombal" n.º 201 de 31 de Outubro de 2013



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

## CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do art.º 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 16/10/2013, lavrada a partir de folhas cento e quarenta e dois, respetivo livro de notas número setenta - C, **Fábrica da Igreja Paroquial da freguesia de Santa Marinha de Ribalonga**, pessoa jurídica de direito canónico, com personalidade jurídica nos termos da Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé, com sede no concelho de Carrazeda de Ansiães, pessoa coletiva religiosa número 504 073 745,

Que, com exclusão de outrem, a Fábrica da Igreja Paroquial da freguesia de Santa Marinha de Ribalonga e dona e legítima possuidora dos bens seguintes imóveis, situados na **União das freguesias de Castanheiro do Norte e Ribalonga, concelho de Carrazeda de Ansiães**, ainda não descritos na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães:

**Um) prédio urbano** composto de casa de rés-do-chão e primeiro andar, com área coberta de cinquenta metros quadrados, sito na Rua Cimo do Povo, Choupo, a confrontar do norte com igreja, do sul com Miguel Sousa, do nascente com herdeiros de Alcino Sampaio e do poente com rua, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 394** da União das Freguesias de Castanheiro do Norte e Ribalonga (anteriormente inscrito sob o artigo 245 urbano da extinta freguesia de Ribalonga), com o valor patrimonial de € 11760,00, igual ao que lhe atribui;

**Dois) prédio rústico** composto de quintal, terra de cereal e oliveiras, com a área de quatrocentos e noventa metros quadrados, sito na Cortinha, a confrontar do norte com Igreja, do sul com Isabel Maria Magalhães, do nascente com António Carvalho e do poente com casa do proprietário, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 1054** da União das Freguesias de Castanheiro do Norte e Ribalonga (anteriormente inscrito sob o artigo 491 rústico da extinta freguesia de Ribalonga), com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 288,69, igual ao que lhe atribui.

Que, entrou na posse dos referidos prédios no ano de mil novecentos e oitenta, por doação verbal, de António Carvalho, que foi residente no Canada e viúvo, já falecido, doação essa que nunca foi reduzida a escritura pública.

Que, deste modo, a sua representada não tem título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial os identificados prédios, porém, desde o citado ano que a justificante, já possui, em nome e interesse próprios, os prédios em causa, tendo sempre sobre eles praticado todos os atos materiais: no prédio rústico de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, designadamente podando e tratando das árvores de fruto, colhendo os seus frutos, e no prédio urbano de conservação, uso e aproveitamento, tais como, fazendo as necessárias obras de conservação, a expensas suas, desde então utilizando-o como casa de arrumação, usando-o, nele guardando os seus pertences, fazendo as necessárias obras de conservação, aproveitando, assim, deles todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por eles devidos, agindo sempre como sua proprietária, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado a vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre os identificados prédios, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriu os citados prédios por **usucapião**, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

16.10.2013

A Conservadora, Ana Paula Pinto Filipe da Costa

## Retrato de um ex - autarca

Pelo desenvolver dos acontecimentos, está confirmado o motivo que deu origem ao abandono, em devido tempo, dos destinos da Câmara Municipal de Mirandela, por parte do Senhor José Silvano, no ano de 2012. Acérrimo defensor da preservação da linha do Tua e consequentemente anti - barragem, José Silvano apresenta-se hoje no campo oposto, como Director Executivo da Agenda para o desenvolvimento do Vale do Tua, criada sob o patrocínio da Empresa EDP. Para lá do chorudo ordenado que hoje usufrui, importa apreciar esta figura da política regional, pelo prisma da coerência de ideias e princípios. Este exercício de apreciação deve ser feito sobretudo por quem mais prejuízos sente na pele, com a construção desta barragem. Efectivamente é na margem esquerda do Rio Tua, sobretudo no Concelho de Carrazeda de Ansiães que se sentirão mais os prejuízos causados pelo impacto da barragem. Justificava-se pois que até onde fosse possível, se compensasse este Município com investimentos que indemnizassem das perdas ambientais confirmadas. Não se entende pois que, pela batuta do agora Director Executivo e seus correligionários políticos, se decida por exemplo instalar a Sede da referida Agência em Mirandela, cidade que só parece ganhar com a construção da dita barragem. A nossa dúvida continuará porem a estar na capacidade e isenção dos decisores, no que respeita à gestão da Agência que afinal se destinava a gerir bem as contrapartidas financeiras que a EDP se propôs entregar para compensação das populações atingidas pelo impacto da barragem.

O Cidadão Atento, António Augusto Carvalho.

## Quintinha do Manel

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues  
Carrazeda de Ansiães

Restaurante, Pensão / Residencial

278617487



Restaurante

CALÇA CURTA

Especialidades da Casa:

Carnes:

Veados, Javalis, Coelho Bravo, Perdiz e Arroz de Lebre

Peixes:

Polvos, Bacalhau, Enguias, e Peixinhos do Nosso Rio

Agência: TOTOBOLA - TOTOLOTO

ESPLANADAS DE LAZER

E PAISAGENS ESPECTACULARES

Telf. 278 685 255

5145-133 TUA

## DELÍCIA DE ANSIÃES

Rua Jerónimo Barbosa | 5140-077 Carrazeda de Ansiães

● 965 307 759 ● 278 108 717

### Fabrico Próprio

- ✓ Bolos de Casamento
- ✓ Batizado
- ✓ Aniversário
- ✓ Pastelaria Variada
- ✓ Variada gama de pão
- ✓ Fofares
- ✓ Pizzas
- ✓ Cachorros
- ✓ Hamburguer



## DOCES DA PURI

Puri Fernandes

Beco do Jaime, 30  
5140-182 Parambos  
Carrazeda de Ansiães  
Trás-os-Montes

Telf.: 278 685 233

E-mail: dapuri@hotmail.com

<http://docesdapuriieetc.blogspot.com/><http://www.facebook.com/DocesdaPuri>

# A HABITAÇÃO DA ALDEIA



**José Alegre Mesquita**

A casa térrea é pequena e formada por um único compartimento, onde, com “sua licença”, tudo se faz; uma única porta, que rola sobre a soleira; um único *jinêlo*, que fecha com a tranca de madeira. Num canto acende-se o lume; noutro come-se, habitualmente em cima da arca que guarda o pão, “casa onde comem dois, comem três”; noutro dorme a família, quase sempre numerosa.

Na habitação de dois pisos: o primeiro é para morar e é composta pela fundamental cozinha, a sala e um ou outro quarto; no rés-do-chão, a loja dos animais, as arrumações de produtos agrícolas ou a adegas. A ligar o piso térreo ao superior, as escadas sempre exteriores e, bem no cimo, a varanda em granito ou madeira, rodeada por um corrimão.

A cozinha é o espaço mais amplo, para poder receber os “obreiros”, toda a família no Natal e na matança do porco. É o lugar essencial da vida familiar: nela se recebem as visitas, a Santa Cruz na Páscoa, a Sagrada Família quando chega a vez; se cozinha e se come, se convive..., cruzando conversas, transmitindo saberes; os segredos são ditos em voz baixa, não vá alguém escutar atrás da porta, porque há quem a isso se dedique. A saída do fumo é simplificada por um pequeno cabanal; como o resto do telhado, está coberto de *telha vã*, à antiga portuguesa, fabricada em Carrizeda. Quando o vento o impede, a única solução é sair para a rua com uma tosse seca e os olhos a lacrimejar. A um canto, a velha arca de castanho, guarda o sem-

pre existente pão de centeio, ou trigo e a sêmea, “casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão”. Ao alto, num canto, o “mosqueiro”, pequeno móvel cubiforme, aberto em toda a volta, apenas protegido com uma rede, guarda os restos da carne cozida do porco. Na viga de madeira que sustenta o telhado repousa um ou outro salpicão, a bexiga do porco e o duradouro presunto. O *almário*, enfeitado com os jornais recortados e colados com o miolo do pão, exhibe as louças de barro. Na *pilheira*, prateleira aberta na parede, guardam-se os potes e os tachos. Numa das paredes, todas elas escuras como o breu, junto da lareira, um espigão segura a candeia a petróleo ou a lamparina de azeite, que, “do tamanho de uma abelha, enche a casa até à telha”. Em alguns sobrados, o alçapão facilita a entrada nos baixos da casa, sem sair à rua e apanhar frio; por ele se “deita a candeia”, que se segura deitado no sobrado, enquanto o pai e a mãe tratam da “cria”.

A lareira é rodeada do *escano* de castanho enegrecido pelo fumo, que ajuda ao aconchego no longo e desagradável inverno, e serve de mesa para as refeições. Está acesa todo o ano para cozinhar e aquecer; no *trasfogueiro* coloca-se a lenha de giesta, de pinheiro, de carvalho, e um ou outro “toro”, um pau grosso ou um cavaco para “pegar no lume”, que deve estar sempre vivo e a crepitar. Ao redor, os potes de ferro, a caldeira de cobre, o tripé, a pá e as tenazes são elementos sempre existentes. No maior pote coze ou aquece o

caldo, presença certa em todas as refeições, não faltando à ceia, pois comer o “caldo e deita” é o comum de todos os dias: Nos ferros pendurados, o caldeiro de zinco, ou o painelão de ferro coze a vianda dos *recos*. Nas traves seca-se o fumeiro e é aí, que se dispõem as varas dos enchidos aquando da matança. À volta, o lar de pedra, sustentado por grossas traves, é o lugar onde todos se sentam em bancos de madeira e no *escano*, numa grande roda, há sempre lugar para mais um: aí se aquece o corpo e a alma, se seca a roupa depois de uma molha, se enxugam os socos e as socas, se aquecem os pés para ir para a cama...

A casa do lavrador mais abastado está rodeada pelo “quinteiro” murado com uma grande e alta porta para passarem os carros de bois carregados de lenha, de palha e de feno. Neste espaço, situa-se o cabanal, onde se guarda a lenha e as alfaías agrícolas. O espaço que fica sob as escadarias é aproveitado para o galinheiro, a coelheira ou a loja dos porcos. Às vezes misturavam-se todos os animais. Algumas habitações têm ao lado o *palheiro*, onde se guardam as palhas e os fenos. No chão deita-se palha, se não abunda trazem-se agulhetas ou “feitos” do monte, para estrumar. Nesse mesmo tapete se fazem as “necessidades” e se despejam os “penicos”.

No cimo das escadarias de granito, a varanda é um espaço essencial à economia e ao lazer da família. Nela se seca a roupa, se apanha o sol, se expõem os cacos dos craveiros e manjericos, se dor-

me a sesta na canícula, se secam as vagens, os feijões, o milho... Bem no alto, a tábua de queijo segura por dois baraços, mostra uma boa meia dúzia de discos brancos, que com o tempo, passam a amarelo e de repente, como por magia, se tornam encarnados e desaparecem aos poucos, como por encanto; aparecem, por vezes, na toalha estendida das aradas de trigo, das ceifas e das vindimas.

A porta não tem chave, fecha-se com o cravelho, peça grosseira de madeira com que se fecham as portas e as cancelas, porque “a casa de amigo rico não vás sem ser requerido, mas à casa do necessitado vai sem ser chamado”; na base da porta de castanho um grande buraco por onde entra e sai o gato, necessário à caça das ratanzas, que tudo ratam. A janela, sempre presente, está defendida pela portinhola de madeira de castanho, segura com a tranca pelo interior e no largo parapeito, um “caco” ou um velho pote de ferro mostra um cravo florido. Por ela se areja o interior, “casa onde entra o sol não entra o médico”, no inverno tem de manter-se fechada, nem que seja à noitinha, porque dela entra um “frio de rachar”.

Por sobre as telhas, o vento assobia canções de embalar que ajuda a “depressa a adormecer”. Pela manhã, a claridade entra pelas frestas das telhas, das janelas e até das paredes, e impede “recoucares” matinais, porque “deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer”.

Do livro “Selores... e uma casa”



# Deus e o Diabo

por: Carlos Fiúza

Etimologicamente a palavra religião deriva:

Segundo uns (Cícero), de releger, recolher, ajuntar, considerar com cuidado, e opõe-se a negligere, fazer pouco caso, negligenciar - a religião seria, pois, a observância fiel dos ritos;

Segundo outros (Lactâncio, S. Jerónimo, S. Agostinho), de religare, ligar, e teria por fundamento o laço que prende o homem a Deus.

Embora a primeira etimologia pareça mais possível, a segunda é mais simples e indica melhor a razão de ser da religião.

As religiões têm sido, em todos os tempos e em todos os lugares, uma fonte inesgotável de contribuição vocabular e fraseológica.

Das crenças ou dogmas, dos preceitos, do culto, dos ritos e das superstições fluem para a linguagem palavras e expressões em número incalculável.

Lembre-se a grande influência exercida pelo Cristianismo no latim e nas línguas românicas, aspeto este que só por si bastaria para um longo enumerar de ideias e de factos que atingiram palavras, até então desprovidas dos significados religiosos ou com eles relacionados.

Por exemplo, Creator (e, portanto, mais tarde Créateur, Criador, etc.), Salvador (e, ao depois, Sauveur, Salvador, etc.), Tentador, aplicado a Satanás, testamentum, indulgentia, conversio, gloria, peregrinus, etc. são, com muitos outros, termos que devem à Igreja a frequência do seu emprego em latim e, modificados, nas línguas em que estes se transformaram.

Como me cumpre, começarei por Deus. (E aqui me salta logo à mente aquele dito sensato da nossa Língua, segundo o qual se deve ir logo direito a Deus e só depois aos santos).

Ora, está bem de ver que o nome tradutor da divindade se há de mostrar amiúde bem patente na

expressão religiosa e na que, não o sendo, dela receba influência.

Lembro ao acaso:

Como chama o povo ao melhor fato, àquele que destina às cerimónias religiosas ou, principalmente, à missa dominical? É o fato de ver a Deus.

De que modo se traduz a maneira imprevista como se há de conduzir aquilo que se entrega incertamente ao acaso? Dizendo - ao Deus dará.

Qualquer que seja a força contrária, se são inalteráveis a resolução, a teima ou o propósito, logo se diz - Nem à mão de Deus-Padre.

Ainda é muito cedo, antes de amanhecer? O povo, autor às vezes de verdadeiras maravilhas de linguagem simbólica, nesse caso não hesita em recorrer à imagem - Ainda a manhã vem na casa de Deus.

A concórdia modelar também encontra excelente imagem - Dão-se tão bem como Deus com os anjos.

Não admira, evidentemente, que as frases nas quais entra a palavra Deus se caracterizem pelo sentimento de veneração, de amor, de agradecimento, de temor, de rogo, de ansiedade pela Sua divina presença, ou de confiança na Sua misericórdia.

Às vezes nós, os que andamos longe das dições do povo, dizemos, referindo-nos a alguém falecido - fulano, que já morreu - Cicrano, que já lá está.

Pois é raro deixar de ouvir-se na fala popular - fulano, que Deus haja. Cicrano, que Deus tem.

Ai Jesus! - Exclamação aflitiva, admirativa, dubitativa, etc. Imaginem a sem cerimónia com que se passou tal desabafo para esta dição - Não trata bem senão aquele filho. É o seu ai-Jesus!

E, depois de falarmos em Deus, passemos agora aos santos.

Não só estes em particular aparecem frequentemente nas mais vernáculas dições. Também o nome comum, isto é, santo ou santos, andava bastas vezes no falar e escrever.

O português Santo António quantas vezes não aparece em exclamações?

Curioso é ver o carinho que se

lhe dedica nesta frase: Não sabe o que lhe há de fazer! É um santo-antoninho, onde te porei?!

Nas dições referentes aos santos nota-se muito aquela familiaridade que advém de a gente a eles se apegar frequentemente, quero dizer, do trato espiritual que amiudadas vezes se tem com eles.

É um santo de pau carunchoso.

Expressivo qualificativo da falsa santidade, ou melhor daquilo que se tem por falsa santidade, visto que se trata de qualidade interior, quase somente conhecível de Deus.

Se na linguagem religiosa que se reporta aos santos já se entrevê compreensivelmente maior do que na que se prende com a respeitosa ideia de Deus, se descermos a analisar as expressões em que se alude ao diabo, então o pinturesco toma aspetos imprevisíveis, pelo formidável poder da fantasia popular, apostada em acoimar o espírito do mal de quantas fealdades, trejeitos e desjeitos, irregularidades e coisas deste jaez sejam atribuíveis ao seu poder maligno.

Por exemplo, se tudo corre mal, se há grandes infelicidades, ou desatinos ou coisa que os valha, nós dizemos que anda o diabo à solta. Este à solta tem um poder expressivo muito apreciável, porque dá a perfeita ideia dos destrambelhos que o diabo fará, quando o deixarem andar livremente.

A nossa língua tem uma expressão singularíssima, que julgo sem par noutro idioma e que se pode classificar de audaciosa alegoria pelo cómico do exagero - enquanto o diabo esfrega um olho!

É caso para dizer que tal expressão não lembrava ao diabo!... E cá estamos noutra - não lembrar ao diabo.

Até o diabo se ria - eis outra imaginosa forma de dizer, de inegável valor figurativo.

E quantas mais, como, por exemplo: em casa do diabo, ou até - em casa do diabo mais velho; pobre diabo; é o diabo, etc., etc.

Acontece que, por nada se querer com ele, o nome de diabo ou demónio ocorre também disfarçado ora com alteração desse próprio nome, ora com substituição por qualificativos; isto é, operam-se

verdadeiras autonomásias, multiplicáveis pelas alterações fonéticas dialetais.

Assim é que se diz - danho, diacho, damonho, damontres, etc., etc.

E assim é também que se exclama - Cruzes canhoto!

Do predomínio da ideia religiosa sobre a insensibilidade ateia resulta que até os descrentes e os incrédulos recorrem às expressões determinadas pela crença. Não será, pois, difícil dar com uma pessoa sem fé a exclamar: Oh! Aquilo é um céu aberto!

Indignado com alguma patifaria, não há ateu que resista a vociferar - Mas isto brada aos céus!

Se bem que, na maior parte dos casos, se ligue à palavra a própria ideia religiosa que a determinou, não raro acontece que a proveniência religiosa se esqueça e as dições passem a viver por simples mecanismo de repetição.

Até há quem diga - eu cá sou ateu, graças a Deus! - empregando esta expressão no mero sentido de felizmente, e não reparando no valor de grato sentimento para com o Criador.

Deus queira que sim! - quantas vezes este voto não sai da boca de quem não reconhece a Deus?

Mas, o protótipo do esquecimento do significado religioso está, a meu ver, nesta dição portuguesa, em que se aplica à palavra Deus (aliás já desvanecida na interjeição que a contém) o grau diminutivo: adeusinho!

É assim a vida da linguagem, toda ela feita de lembranças, esquecimentos, distrações incuráveis, que afinal a tornam atraente, quando não vêm taciturnas exigências gramaticais meter as coisas na ordem.

A terminar só acrescento que se nota em várias línguas uma coincidência compreensível de ditados e de provérbios, que documentam bem o poder de convicção incomparável da verdade religiosa.

O português diz que o homem põe e Deus dispõe.

O mesmo dizem os franceses, ingleses e outros povos, quando afirmam - L'homme propose et Dieu dispose; Man proposes and God disposes, etc.



Fátima Santos

# Vale do Tua



## O vale do Tua e o progresso a partir de 1887

Quando olhamos do alto do planalto de Ansiães, nem imaginamos o que está para lá das montanhas, vales que se escondem e nos surpreendem pela sua riqueza natural. Em especial neste vale, de acentuados declives onde o homem ao longo dos Séculos foi confrontando as próprias leis da Natureza, logo ela, que é tão poderosa.

No vale do Tua plantaram-se vinhas e olivais, exploraram-se águas de características medicinais (Termas de São Lourenço e Termas de Carlão), onde se explorou a cortiça e acima de tudo onde o Homem foi capaz de construir uma via estreita do caminho-de-ferro que iria contribuir sobre-

maneira para o desenvolvimento, à época, da região mais atrasada em termos de progresso do país. A construção da linha realizou-se em duas fases, a 1ª entre Foz-Tua e Mirandela e só posteriormente de Mirandela a Bragança.

Com a chegada do caminho-de-ferro no ano de 1887, ano da sua inauguração, realizada com pompa e circunstância estando presente o Rei D. Carlos, o vale sofreu transformações em vários aspetos, mais acentuadamente no património natural que foi modificado pela construção da linha de via estreita em si. Com o caminho-de-ferro beneficiou o aspeto socioeconómico, permitindo que tanto pessoas como mercadorias circulassem mais facilmente entre a sua origem e o local de venda, o

litoral (Porto). De entre as mercadorias, aquelas que se destacaram foram sem dúvida o vinho generoso (vinho do Porto), a cortiça e também os cereais, ainda que, em quantidades mais reduzidas. Com o impulso da Sociedade Clemente Menéres, a linha passa a ser a principal via para escoar a sua própria produção mas também a de todos os produtores da região.

Difícil mesmo, era os carros de bois chegarem aos apeadeiros devido aos ingremes caminhos. Problema que só se vai atenuar já na década de 60 do Séc. XX, pelo menos para o apeadeiro de São Lourenço, com a construção de melhores estradas.

Era ainda através do comboio que chegava a correspondência a muitas localidades, como no caso

de Pombal de Ansiães. Havia uma pessoa responsável por ir todos os dias buscar as cartas ao apeadeiro de São Lourenço, no regresso trazia novidades para os rapazes solteiros, se havia moças novas a banhos nas Termas.

As Termas beneficiaram indubitavelmente do fato de existir um apeadeiro próximo do local das nascentes sulfurosas, acorriam pessoas de vários pontos do nordeste transmontano, principalmente durante a época balnear (Junho; Setembro).

Podemos afirmar que a linha do Tua foi durante alguns anos o principal indício de progresso existente em toda a região do vale, e que de alguma forma ajudou a impulsionar a economia rural local, a mobilidade de pessoas do





interior para o litoral e vice-versa. Ajudou a influenciar mentalidades e pontos de vista para os mais desenvolvidos, e outros horizontes, para os mais empobrecidos.

### O vale do Tua e o progresso a partir de 2015

Abordamos anteriormente uma parte importante da história do vale do Tua, o momento em que os primeiros passos de progresso foram dados, ainda no século XIX. Pretendemos agora, fazer uma breve alusão à influência do progresso em pleno século XXI e de que forma o ditado: **“mudam-se os tempos mudam-se as vontades”**, é reflexo da realidade histórica do vale.

No passado foi a linha do caminho-de-ferro a primeira a irromper pelo vale, atualmente,

é a albufeira que será criada pela barragem de Foz-Tua.

Há quem defenda que para haver progresso é necessário haver obra feita, para isso existem as grandes empresas como a EDP, que não deixam escapar uma oportunidade de negócio que seja rentável, (falta saber para quem). Desta forma de maneira a criar um grande reservatório de água, e uma albufeira que de alguma forma se possa tornar rentável em termos turísticos, decide-se alterar mais um pouco a paisagem natural, eliminar parcialmente parte da linha centenária e tudo em nome do progresso, esse que é tão necessário para o desenvolvimento económico de um país.

A população local aceita o progresso de braços abertos, sem sequer tentar perceber e

entender as consequências, quer as favoráveis (que as há), quer as desfavoráveis (que também as há). Uns acreditam que a região de alguma forma irá evoluir com a captação de novos investidores, outros há que estão mais reticentes e desconfiados.

Será que a criação do Parque Natural do Vale do Tua e da Associação que irá gerir o mesmo, serão capazes de desenvolver e criar mais-valias para a região e as suas populações? Será que o património irá beneficiar de uma valorização atenta e atempada? Será, será, será....

Tantas questões para responder, vamos aguardar que as entidades responsáveis continuem a desenvolver o seu trabalho para saber que respostas serão obtidas.

No passado dia 11 de Outu-

bro, no contexto da FOZTUA International Conference in Historical Context Construction, Costs and Consequences, que reuniu especialistas de diversas áreas, os responsáveis da EDP apresentaram a proposta de um modelo intermodal. Consiste num teleférico para subir o paredão da barragem, barco para ir até à Brunheda e comboio para fazer o restante percurso entre este apeadeiro e Mirandela. É um projeto ambicioso, será executado e em que moldes? Mais uma vez, vamos esperar para ver, de que forma o progresso irá influenciar toda a vida do vale do Tua.

**Fátima Santos**



# Tento na Língua

por Patricia Pinto



Patricia Pinto

## A solidão “invisível” que muitos sentem...

A solidão, dizem muitos que é algo inevitável. É uma doença que pode afetar mais do que a própria idade.

Vou contar-vos uma breve história que me deixou extremamente comovida. Algo simples mas forte!

Um senhor, dos seus oitenta e poucos anos, viúvo e sem filhos, numa destas noites já de outono a dar mais para o inverno, caminhava na rua à procura de um jovem/adulto que lhe pudesse mudar a lâmpada que iluminava o seu quarto. Quando confrontado com a hipótese de poder ter pedido à vizinha disse-lhe na sua inocência carinhosa que tinha medo que esta se queimasse.

E alguém lhe mudou a lâmpada. E ainda no decorrer desta conversa, o senhor disse com voz de choro e sofrimento “antigamente não precisava de ninguém para estas coisas, é uma tristeza estar sozinho...”. Isto deixou-me a mim com os olhos recheados de lágrimas e foi-lhe respondido que se alegrasse pela sua ainda saúde razoável, pela capacidade de caminha e pela sua saúde mental ainda estar bastante boa.

Daqui podemos concluir que isto ocorreu numa aldeia, um meio pequeno onde todos se ajudam porque na hora da aflição até as zangas com anos de existência são imediatamente banalizadas.

E nas cidades? Quem terão estes solitários para os ajudar?

Passam os dias sozinhos, apenas com um “olá, tudo bem?” da senhora/ senhor que lhe serve o café ou o chá da manhã.

Definitivamente a solidão é uma doença que atrai todas as outras e as torna ainda mais duras.

Até nós, novos, estando à mesa sozinhos nem a comida nos apetece.

E estes seres? Que passam anos a fio sozinhos? Sem ter quase com quem conversar? Onde fica então o lado social tão necessário no ser humano?

E nós, novos, pouco ou nada nos importam estes problemas porque pensamos nós que os nossos são os piores do mundo e nem nos conseguimos imaginar um dia a passar pelo mesmo porque achamos ser uma hipótese totalmente desprovida da realidade futura.

Filhos que abandonam os pais, que passam anos sem os ver com 500 quilómetros a separá-los.

É falta de educação ou falta de consciência? É algo a pensar não creem?

